

Estrutura, devastação e erotomania: um estudo preliminar¹.

Jussara Jovita Souza da Rosa

Os impasses do feminino se refletem também na clínica com mulheres, no que se refere ao diagnóstico estrutural. Para discutir essa questão, trago três filmes que foram objeto de estudo no Núcleo de Investigação da Clínica do Feminino da EBP-SC: *Camille Claudel*², *A professora de piano*³ e *Bem me quer, mal me quer*⁴. As histórias de Camille Claudel, Érica e Angélique ilustram respectivamente casos de psicose erotomaniaca?⁵

A erotomania consiste na certeza delirante de que uma pessoa (de modo geral de nível social mais elevado) está apaixonada pelo sujeito em questão. Caracteriza-se também por uma desordem mental na qual predominam ideias amorosas e sexuais.

A história de Angélique ilustra por certo uma manifestação clássica de psicose erotomaniaca. A trama, aliás, é enfocada por esse viés pela direção do filme. Marcia Mezêncio, baseada em Clérambault, assinala que os traços característicos dessa psicose são: "[...] ele (o objeto) me ama: foi ele quem começou"⁶. É a flor que o médico, um exemplo de pessoa em posição proeminente, lhe oferece que deflagra seu delírio erotomaniaco.

Já as histórias de Camille Claudel e de Érica não permitem esse enquadre de forma tão simples.

Embora a ideia erotômana tenha sido tomada em alguns estudos sobre o drama de Camille Claudel, pretendo abrir aqui alguns outros aspectos. Por certo ela está presente, pois há da parte de Camille certeza quanto ao amor de Rodin. Mas não temos aí um caso clássico. Seu amor por Rodin foi de alguma forma correspondido, ele lhe deu o

lugar de sua amante. Seu drama aponta mais para uma devastação expressa não só em sua relação com Rodin, como na relação com sua mãe. Cristina Drummond acentua que "suas cartas do hospício atestam uma demanda desesperada dirigida à mãe sem, no entanto, encontrar qualquer resposta"⁷.

Victoria Horne-Reinoso escreve que "Lacan no decorrer do seu ensino, utiliza duas vezes o termo devastação: uma vez referindo-se ao que pode ser um homem para uma mulher, outra para qualificar o que pode tornar-se a mãe para uma filha"⁸. Localizando no ensino de Lacan essas menções ao termo devastação, Graciela Brodsky lembra que este termo aparece primeiramente em "O aturdito" referido à devastação entre filha e mãe; mais tarde, no *Seminário, livro 23: o sinthoma* o termo volta a ser usado para falar da devastação na relação homem-mulher⁹.

Sobre a relação devastadora entre a mãe e Camille, e, mais tarde, de Rodin com ela, lembro que a mãe a chamava de usurpadora da família, e que Camille dirá, mais tarde, que era usurpada por Rodin. Passa então da nomeação de usurpadora para usurpada. Camille passou por uma instituição psiquiátrica, mas pelo que sabemos não foi ouvida por um psicanalista. A forma de historicização do seu drama, como discorre Miller¹⁰ em sua elucidação do Seminário 23, é que permitiria a compreensão de sua singularidade.

O drama de Érica não sugere nas discussões que suscita a erotomania, mas é tomado como psicose, pois nos parece que "não há Nome-do-Pai". Entretanto alguns aspectos devem ser considerados: Érica era professora de piano, e com seu trabalho fazia laço social, tinha um lugar em sua comunidade. Entretanto, percebe-se sua alienação na relação com a mãe: elas dormiam na mesma cama, a mãe controlava sua vida, não dava espaço para a sua subjetividade. Em certa ocasião rasga um vestido que a filha comprou. Da parte de Érica percebemos como o amor pela mãe a deixa à mercê do

gozo materno. Mas ela tem suas fugas buscando satisfação sexual por meio do *voyerismo* e de uma auto-erotização violenta (em certa cena ela usa uma gilete para ter prazer). Ao que parece é o encontro com um homem que a perturba. Foge o quanto pode, é como se não fosse possível se deixar penetrar. Ela precisa comandar e propõe um roteiro sadomasoquista com muitos fetiches, no qual ela se faria objeto: ele a trancaria no quarto, a espancaria... Mas é ela quem define isso.

Trata-se de perversão? De acordo com Valas, as grandes posições perversas estão do lado dos homens, pois para mulher não é possível desmentir a castração; ela "[...] está marcada em seu próprio ser pelo seu selo. Ela pode no máximo recusá-la, e a partir daí irrelutavelmente demandar o falo que lhe falta"¹¹.

Miller assinala que a perversão é negada às mulheres, porque na clínica se reserva para os homens a possibilidade de alienação do desejo, ou de encarnação desse desejo em um objeto fetiche. Ressalta que isso "[...] significa não ver que a perversão é, de certa forma, normal do lado da mulher e é aquilo que se chama de amor materno que pode chegar até a fetichização do objeto infantil"¹². Entretanto alerta que a criança, mesmo fetichizada, diferencia-se do objeto pequeno a da fantasia, pois este é essencialmente inanimado.

Clastres¹³, em seu Seminário sobre a perversão, assinala que como a mãe presentifica o Outro do significante, ela precisa ser barrada pela operação da metáfora paterna. Isto será possível para a mãe que está inscrita na lei do simbólico, ou seja, para aquela cujo desejo está marcado pelo Nome-do-Pai como lei e que, portanto, introduzirá a criança nessa operação. Se tomarmos a tríade criança-mãe-falo, podemos dizer que na estrutura perversa a criança se identifica com o falo, que é o que a

mãe deseja; ou se identifica com a mãe por vê-la como a portadora do falo.

A narrativa expressa no filme também não coloca Érica diante de um analista a historicizar seu drama. Mas podemos hipotetizar, em sua história, traços de perversão, devidos aos efeitos do desmentido da castração, que foi recusada por ela até onde foi possível. Mas, finalmente, ao encontrá-la não suporta a angústia de não ter e de não ser falo para um homem. Na última cena do filme, em que se fere no lado do coração, não fica claro se seu intento suicida foi alcançado. No entanto, ela se devasta e isso estava relacionado com o amor.

Esse exercício, que parte da análise rápida de três filmes, visou pensar a estrutura em relação com a devastação e com a erotomania, dissolvendo a ideia de que essas duas manifestações são próprias da psicose.

Jean-Pierre Deffieux¹⁴, em seu *Comentário sobre La Cautiva* de Carlos Dante Garcia¹⁵, assinala que no caso de Alícia se trata de uma erotomania, pois ela está convicta do amor de seu cunhado X por ela, tomando todos os seus atos como expressão desse amor; mas não se trata de uma erotomania clássica, pois a ela se associa o que Deffieux chamou de delírio de concepção. A forma como Alícia historiciza seu drama mostra que ela passa do que se denomina de *ideia obsessiva* para *ideia cativa* e permite perceber como, a partir da intervenção do analista, pode se constituir a relação transferencial de forma diferenciada.

Ondina Machado¹⁶, discorrendo sobre a segunda clínica lacaniana, lembra que Lacan lança, no *Seminário 20*, a tese da *lalíngua*. Com esse Seminário se deduz que "[...] quem é originária é a lalíngua (e não a língua como estrutura primária e originária), na medida em que ela é a fala antes de seu ordenamento gramatical e lexicográfico"¹⁷. *Lalíngua* subverte a ideia de linguagem como um sistema organizado,

trazendo novos desafios para a sustentação da tese do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Assim, as estruturas clínicas devem ser tomadas como gradações entre "doença da mentalidade e doença do Outro"¹⁸, pois não se definem mais como um resultado da operação da metáfora paterna ao final do Édipo, em razão da presença ou ausência do Nome-do-Pai.

Embora possamos verificar a neurose clássica relacionada ao Édipo, e a psicose clássica definida pela forclusão, sua ocorrência na contemporaneidade é cada vez menor, sendo frequente a apresentação das mais variadas formas de nomes do pai, nas quais o que importa é como o sujeito constitui parceria e sob que modalidade estabelece o seu gozo. A questão não é mais da definição da estrutura, mas sim de "(...) saber como cada sujeito dá conta daquilo que para ele ficou foracluído, qual a solução estabilizadora encontrada e o modo de gozo proveniente dela"¹⁹.

Stella Jimenez²⁰, em seu estudo do Seminário 23, ao fazer um paralelo com a psicose, assinala que "[...] sintoma é aquilo de que o sujeito se queixa, *sinthoma*, aquilo que estrutura a vida psíquica, o que amarra os três registros [...]. O sintoma é curável; o *sinthoma* não."²¹ Na *lalíngua* lacaniana, sintoma é reduzido ao *sinthoma* cujo equivalente é o Nome-do-Pai. Lacan adverte: "[...] O pai é um sintoma, ou um *sinthoma* se quiserem"²². Jimenez acrescenta: "A partir do Seminário 23 o Nome-do-Pai passa a ser degradado à indignidade de um *sinthoma*."²³

Os impasses do feminino, manifestos na clínica, devem ser tomados a partir do que tem se consolidado como a segunda clínica de Lacan, sem perder de vista o primeiro ensino e o retorno de Lacan a Freud; não há, portanto, uma oposição. A devastação e a erotomania tão associadas à psicose são expressões do feminino. A devastação está relacionada com a castração, com a falta, cuja

responsabilidade é atribuída à mãe, e que poderá repercutir na relação com os homens e/ou em outros níveis de laço social, e se expressará na clínica em qualquer dos registros estruturais. Horne-Reinoso²⁴, baseando-se em Miller, diz que "o parceiro-devastação de uma mulher é o Outro barrado". Em relação à erotomania, Miller²⁵, ao tratar do estatuto do parceiro-sintoma como meio de gozo, escreve: do lado macho o parceiro é determinado como objeto a; do lado feminino como A barrado (forma de *não-todo*). Como no homem o objeto a tem forma de fetiche, para alcançar o passe clínico, o homem tem que resolver a questão de sua fantasia, a forma fetiche que impõe ao parceiro e que atende a um modelo de perversão; já a mulher tem que resolver a questão do amor, sua erotomania, que tem parentesco com a psicose, como ilustra o caso Schreber com o seu empuxo a mulher, o que leva Lacan a concluir que todas as mulheres são loucas.

Para a mulher o amor está "entramado" ao gozo²⁶. Amor e devastação são elementos implicados na economia de gozo e sem os quais não se pode falar da mulher.

¹ Trabalho apresentado no *I Colóquio sobre Sexualidade Feminina*, do Núcleo de Investigação da Clínica do Feminino da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Santa Catarina, realizado em 20 e 21 de agosto de 2010.

² NUYTEN, B. (2007). *Camille Claudel*. [Filme-DVD]. França: Distribuidora Spectra, 160 min., DVD, color, legendado, português.

³ HANEKE, M. (2001). *A professora de piano*. [Filme-DVD]. França: Distribuidora MK2 Diffusion, 130 min., DVD, color, legendado, português.

⁴ COLOMBANI, L. (2002). *Bem me quer, mal me quer*. [Filme-DVD]. França: Distribuidora ArtFilms, 92 min., DVD, color, legendado, português.

⁵ Apesar do filme *Camille Claudel* ser baseado em fatos reais, neste trabalho estou tomando as referidas produções cinematográficas como obras de arte.

⁶ MEZÊNCIO, M. (2009). "Transferência na psicose: erotomania". Disponível em: http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Marcia_Mezencio_Transferencia_na_psicose.pdf, p. 5. Acessado em 20 de agosto de 2009.

- ⁷ DRUMMOND, C. (2009). "A devastação". Disponível em: http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Cristina_Drummond_A_devastacao.pdf, p. 1. Acessado em 12 de março de 2009.
- ⁸ HORNE-REINOSO, V. (1998). "Devastação materna". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 23. São Paulo: Edições Eolia, p. 33.
- ⁹ BRODSKY, G. (2008). "Entre sintoma e devastação". In: *Entrevários - Revista de Psicanálise e Saúde Mental*, nº 2. São Paulo: Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade.
- ¹⁰ MILLER, J.-A. (2009[2006-2007]). *Perspectivas do seminário 23 de Lacan. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ¹¹ VALAS, P. (1990). *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ¹² MILLER, J.-A. (1998). "A criança entre a mulher e a mãe". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 21. São Paulo: Edições Eolia, p. 9.
- ¹³ CLASTRES, G. (1991). "Seminário: sobre a perversão". In: *Letras da Coisa*, nº 11. Curitiba: Associação Coisa Freudiana - Transmissão em Psicanálise.
- ¹⁴ DEFFIEUX, J. (2006). "Comentário". In: *El amor en las psicosis*. Buenos Aires: Paidós, p. 37.
- ¹⁵ GARCIA, C. (2006) "La cautiva". In: *El amor en las psicosis*. *Op. cit.*, p. 28.
- ¹⁶ MACHADO, O. (2010). "A segunda clínica lacaniana e o campo da saúde mental". Disponível em: http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Ondina_Machado_A_segunda_clinica_lacaniana_e_o_campo_da_saude_mental.pdf, p. 9. Acessado em 10 de julho de 2010.
- ¹⁷ Idem. *Ibidem*.
- ¹⁸ Idem. *Ibidem*.
- ¹⁹ Idem. *Ibid*, p. 12.
- ²⁰ JIMENEZ, S. (2005). "Sinthoma e fantasia fundamental". In: *Latusa Digital - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº 12. Rio de Janeiro: EBP.
- ²¹ Idem. *Ibid*, p. 2.
- ²² LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 37-55.
- ²³ JIMENEZ, S. (2005). *Op. cit.*, p. 2
- ²⁴ HORNE-REINOSO, V. (1998). *Op. cit.*
- ²⁵ MILLER, J.-A. (2008). *El partenaire-síntoma. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, pp. 389-416.
- ²⁶ Idem. *Ibid*, p. 414.